

A Pintura Corporal e a Arte Gráfica

Lux Vidal
Antropóloga

Os Kayapó consideram a pintura corporal como um atributo da própria natureza humana. No mito da mulher Estrela, heroína cultural, responsável pela origem das plantas cultivadas, a metamorfose de estrela para um ser humano, se efetua através da pintura e da ornamentação corporal. E assim também, o recém-nascido, após a queda do cordão umbilical, é logo em seguida, pintado de jenipapo, reconhecimento de seu status de pessoa humana.

Na representação dos desenhos, porém, temos uma grande variedade de referenciais, através de motivos abstratos: peixes, aves, antas, veados e onças, plantas, cobras, quelônios, borboletas, o que remete a um outro nível de correspondências cosmológicas, no qual os próprios Kayapó se consideram inseridos. Aplicada no corpo, a pintura possui função essencialmente social e mágico-religiosa, mas também é a maneira reconhecidamente estética – *mei* – e correta – *Kumren* – de se apresentar, havendo aqui uma correspondência entre o ético e o estético. Cabe ainda ressaltar a importância da pintura corporal como uma atividade em si, um processo de produção e reprodução de relações sociais. Assim como um meio de integração, controle e socialização do indivíduo.

Pelo menos entre os Xikrin, a pintura é tarefa exclusivamente das mulheres para quem esta atividade se transforma em verdadeiro hábito, tanto quanto qualquer outra atividade básica, como ir à roça, cozinhar e cuidar dos filhos. Todas pintam e, portanto, a qualidade de pintora é considerada como atributo inerente à natureza feminina. Sendo uma atividade contínua, as mulheres se apresentam sempre com uma mão preta e uma mão branca. Conduzem, assim, no próprio corpo, além da pintura, a marca indelével de sua condição de pintoras.

Para poder receber a pintura corporal com desenhos e motivos decorativos, a pessoa precisa estar com saúde e com a pele limpa. O corpo é dividido em várias partes que recebem, de maneira diferenciada, a pintura.

A pintura facial, executada com pincel-lasca, prévia à pintura do corpo, requer cuidado especial. A cabeça, de um modo geral, é a parte mais decorada e para onde converge o maior número de símbolos e significados. No corpo, na maioria das vezes, aplicam-se faixas de tinta de jenipapo com a mão e em seguida riscadas com o pente riscador.

Do ponto de vista formal, o padrão – a estampa como um todo – compõe-se de um desenho-base (conjunto de traços paralelos) acompanhado ou não

de um motivo decorativo, altamente estilizado e que se refere a algum aspecto do meio ambiente, flora, fauna ou objeto de uso cotidiano.

Crianças pequenas, de ambos os sexos, recebem a mesma pintura corporal. Pintar o bebê é uma manifestação de carinho e interesse da mãe pelo filho e faz parte do processo de socialização da criança. As mães passam horas a fio pintando os seus filhos. O corpo da criança é o laboratório, a tela da jovem mãe para a aprendizagem desta atividade gráfica. É usando e reusando o corpo do seu filho que uma mulher ensaia, aprende e se qualifica como pintora. A pintura das crianças é uma atividade individual por parte da mãe, que possui total liberdade na escolha do desenho.

A pintura dos adultos difere da infantil por várias razões. No caso dos adultos, os motivos são menos numerosos e obedecem a padrões mais rígidos. Os momentos e ocasiões para a aplicação da pintura seguem regras ligadas à outras esferas da organização social e da vida pública. São as mulheres que pintam os homens, jovens iniciados (seus filhos) e casados (seus maridos). Podem também pintar um irmão ou um pai, viúvos.

As mulheres pintam-se mutuamente em sessões de pinturas coletivas, mas ou menos a cada oito dias. Elas se reúnem, de manhã em frente da casa da chefe da sociedade de mulheres e rapidamente transformam o local em algo parecido a um salão de beleza ou a um atelier de artistas plásticas. A sessão acaba lá pelas três ou quatro horas da tarde, dando início, então, as suas tarefas domésticas rotineiras.

Exige-se muito tempo e prática para dominar a técnica de aplicação correta dos desenhos, no corpo. O produto final é uma obra de arte, culturalmente orientada, em que o ideal está relacionado à perfeição da técnica e ao prazer estético, intimamente relacionado a um sentimento de valorização pessoal e do grupo.

Quando se pede às mulheres que desenhem no papel, percebe-se que a própria estampa que cobre toda a folha representa o corpo, como se o corpo só existisse por meio dela. No papel, porém, as mulheres estruturam as estampas de modo um pouco mais livre. No papel, percebe-se também que elas não visualizam de maneira uniforme, totalmente estereotipada, o que elas produzem. As variações, porém, são mínimas. Algumas se destacam como possuindo um domínio maior da técnica e outras apresentam um estilo próprio bem definido. Às vezes sintetizam um desenho ao máximo, reduzindo-o a sua expressão mais simples, aparecendo no papel apenas o mínimo considerado necessário para caracterizar uma pintura. Desta forma, o papel, longe de lhes parecer estranho, logo se tornou uma superfície ideal para as pinturas. Todos os Xikrin, devidamente pintados com jenipapo, após o banho da tarde, passam tinta vermelha de urucu, na superfície do corpo para torná-lo mais brilhante, corado e cheiroso. Na face aplica-se, com o dedo, uma camada de urucu mais espessa, sendo que alguns desenhos são usados de acordo com o sexo e a idade. Os pés e a parte inferior da perna também são tingidas de vermelho. Na maioria das vezes o cabelo é raspado à moda típica dos Kayapó, na parte frontal, o resto é penteado e untado de óleo de babaçu.

As crianças, após cada renovação da pintura de jenipapo, são pesadamente ornamentadas com brincos vermelhos de urucu, colares de pecinhas de ita e miçangas, bandoleiras de algodão também tingidas de vermelho e penugem branca de gavião real, colocada no cabelo. Na parte frontal da cabeça, onde o cabelo foi raspado, aplicam-lhes um desenho de linhas pretas de carvão e resina, de cheiro forte, para afastar os maus espíritos.

Indivíduos envolvidos em ritos de passagem, são literalmente transformados em pássaros, usando grandes diademas de plumas. Em outras ocasiões ainda, vestem grandes máscaras de folha de palmeiras e entrecasca, transformando-se em macacos, tamanduás e peixes aruanã.